



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Fernanda Scopel Falcão¹

O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*

The jongleur and *tenção*, the jongleurs and tensions –
for a study of Lourenço and his *trobar*

Resumo:

Apresenta a pesquisa de doutoramento que investiga a existência de marcas poético-retóricas no cancionero de tenções satíricas do jogral Lourenço, de modo a observar os motivos e efeitos das escolhas identificadas. Expõe e contextualiza o tema, o objeto e o *corpus*, assim como as polêmicas que envolvem a figura desse jogral, de modo a divulgar os primeiros resultados e refletir sobre o estabelecimento deste estudo que procura apreciar as relações envolvidas no tripé jogral-tenção-retórica.

Palavras-chave:

Lourenço; Jograis-trovadores; Tenção satírica galego-portuguesa.

Abstract:

This Doctoral research investigates the existence of poetic and rhetorical marks in the *cancioneiro* of debate poems in the jongleur Lourenço, as well as It observes the effects and reasons behind the identified choices. This work exposes and contextualizes the subject, the object, the corpus, and the controversies surrounding the figure of this jongleur. It also intends to release the first results about the current investigation, and to reflect on the establishment of this study that analyzes the relations involved in the triad jongleur-*tenção*-rhetoric.

Keywords:

Lourenço; Jongleurs-troubadours; Galician-portuguese satirical *tenção*.

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Introdução

Minha pesquisa de doutorado, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo e sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Sodré, põe em movimento o projeto de tese inicialmente intitulado *Lourenço e seu trobar: um jug(l)ar pertinente?*, que pretende examinar a atuação do jogral Lourenço de modo a investigar a existência de marcas poético-retóricas do seu cancionero de tenções satíricas e observar os motivos e efeitos das escolhas identificadas.

A inspiração para tal pesquisa surgiu de uma das convenções mais elementares relacionadas à produção poética galego-portuguesa: distinguiu-se, em teoria, “o trabalho da composição e o da execução, encarregando do primeiro o trovador e do segundo o jogral” (Lapa, 1973: 107); todavia, na prática, como se pode perceber pela leitura do cancionero satírico, essa estratificação não foi seguida à risca. E assim encontramos várias cantigas compostas por jograis, cujas “invasões” na arte de trovar não foram aceitas passivamente pelos trovadores nobres, que protestaram inclusive por meio de cantigas satíricas e principalmente nas tenções, sendo que os episódios mais célebres desses casos estão naqueles textos que tratam das “impertinências”, ou melhor, da atuação do jogral Lourenço.

Se tais debates estiverem, como veremos, na esfera do *juglar de palavras* e a cantada incompetência poética de Lourenço for o avesso da realidade, mais significativo ainda se tornará o estudo de seus textos, pois se observa sem dificuldade que os mesmos costumam servir aos pesquisadores, as mais das vezes, como ponto de partida para análises de cunho unicamente filológico ou exclusivamente sócio-histórico. Não desmerecendo esses métodos e os imprescindíveis resultados que já nos legaram, não se pode negar que a análise dos aspectos filológicos de um texto não é critério único que satisfaça a compreensão do que aí há de literário; e que, atualmente, quando feitas apenas as leituras de cunho sociológico, se chega a conclusões já antes consideradas e abalizadas, como é o caso de dizer, por exemplo, que, para Lourenço, as cantigas consistiam num mecanismo de autodefesa para fins de ascensão social.

Não se pode, então, olvidar o caráter literário dessas composições e a consequente necessidade de se possuir talento poético para compô-las, notadamente no que se refere ao campo da sátira (por sua natureza, retórica, lúdica e mais multifacetada que as cantigas de amor, por exemplo), afinal, tais cantares foram elaborados por homens que possuíam engenho e arte em divertir e ensinar os cortesãos.

Falcão, Fernanda Scopel

O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*

www.revistarodadafortuna.com

Dessa forma, para um avanço no estudo de uma figura como Lourenço e com condições de avaliar sua atuação dentro do Trovadorismo medieval ibérico, torna-se necessário amalgamar as leituras sociológicas, filológicas e literárias já estabelecidas, para investigar o ambiente artístico-literário que o circundava (o contexto de atuação dos jograis, as diretrizes e práticas éticas e estéticas que nortearam a produção trovadoresca) e examinar o que de fato nos restou, as cantigas.

O jogral Lourenço

Embora sua naturalidade seja desconhecida, sabe-se que Lourenço atuou nas cortes régias de Afonso III (1245-1279), em Portugal, e de Afonso X (1252-1284), em Castela, onde se relacionou com numerosos trovadores, esteve a serviço do trovador João Garcia de Guilhade (Oliveira, 2001: 197; Tavani, 2002: 411) e teria composto pelo menos dezoito textos: chegaram-nos, via cancioneiros, sete cantigas de amigo², duas de amor³, uma cantiga de escárnio e maldizer⁴ e oito tenções⁵ – com destaque para este último quantitativo, afinal, “nenhum outro trovador ou jogral [galego-]português nos deixou, como Lourenço, um espólio de 8 tenções” (Vasconcelos, 2004: 88).

Como é comum à maioria dos poetas galego-portugueses, sua biografia não é fácil de investigar, já que não são encontradas referências suas em outras fontes que não sejam os cantares que ele compôs e também os que lhe foram dirigidos por

² “-Ir-vos queredes, amigo” (B 1260, V 865, C 1260), “-a moça namorada” (B 1261, V 866), “Três moças cantavam d'amor” (B 1262, V 867), “Assaz é meu amigo trovador” (B 1263, V 868), “Amiga, des que meu amigo vi” (B 1264, V 869), “Já 'gora meu amigo filharia” (B 1265, V 870), “Amiga, quero-m'ora cosecer” (B 1265bis, V 871).

³ “Senhor fremosa, oí eu dizer” (B 1102, V 693, C 1102), “Estes com que eu venho preguntar” (B 1115, V 706, C 1115).

⁴ “Pedr'Amigo duas sobérvias faz” (V 1033).

⁵ “-Lourenço, soías tu guarecer” (V 1010), com João D'Avoim; “- Quem ama Deus, Lourenç', am'a verdade” (V 1022), com João Soares Coelho; “- Lourenço jograr, há mui gram sabor” (B 1493/V 1104/C 1493) e “- Muito te vejo, Lourenço, queixar” (B 1494/V 1105/C 1494), com João Garcia de Guilhade; “- Vós que soedes em corte morar” (B 888, V 472=1036), com Martim Moxa; “- Rodrig'Eanes, queria saber” (V 1032/C 1423), com Rodrig'Eanes; “- Quero que julgedes, Pero Garcia” (V 1034/C 1426), com Pero Garcia; “- Joam Vaásquez, moiro por saber” (V 1035), com João Vásquez.

Falcão, Fernanda Scopel

O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*

www.revistarodadafortuna.com

outros trovadores⁶. Assim, é por meio desses textos que podemos conhecer um pouco da vida e da arte desse plebeu que soube cativar seu lugar entre os nobres: Lourenço é a figura representativa, de maior destaque no trovadorismo galego-português, do jogral que deseja ser trovador e quer fazer de sua arte um meio de “manutenção e honra” (Lapa, 1973: 189).

Esse original personagem retratado nos Cancioneiros chamou a atenção de muitos estudiosos. Lapa dedicou-lhe um subcapítulo de suas *Lições de literatura portuguesa* – “As impertinências do jogral Lourenço” (Lapa, 1973: 189-193).

“As sátiras a que deram lugar a impertinência e a vaidade de Lourenço têm valor documental: espelham a vida, as ambições, o esforço dos jograis do tempo para se elevarem, pela arte, aprendida com o patrão-trovador ou segrel, acima da sua inferior categoria social. Muitos o conseguiram pelo seu inegável talento. [...] Os protestos teóricos dos trovadores de nada valiam” (Lapa, 1973: 192-193).

Rodrigues Lapa, baseado no que revelam as cantigas, acredita que o jogral não teria conseguido seu lugar na corte portuguesa porque aí “a época ia má para gente de sua condição; [...] em 1258 e 1261 tinham sido reduzidas ao estrito indispensável as despesas da casa real, determinando-se que não houvesse no paço mais de três jograis” (Lapa, 1973: 191). Mas ressalta que, por ser dotado de talento poético, Lourenço acabou garantindo seu espaço na corte de Afonso X, onde “parece ter sido feliz” (Lapa, 1973: 192).

O parecer de Carolina Michaëlis, em suas *Glosas marginais ao Cancioneiro Medieval Português*, coaduna-se com o de Lapa: Lourenço é

“um dos melhores jograis cuja actividade testemunha o antigo Cancioneiro português. Um desses que aplicaram a si mesmos com razão o nome de *trovador*, já que criaram obras próprias, em estilo cortês, que equivalem às dos trovadores nobres. O seu saber e habilidade saltava aos olhos. Que era um perito na leitura, menciona-se aliás especialmente (CV

⁶ “Par Deus, Lourenço, mui desaguisadas” (B 1501), “Ora quer Lourenço guarir” (B 1497, V 1107) e “Lourenço, pois te quitas de rascar” (B 1495, V 1106), as três de João Garcia de Guilhade; “-Joam Soárez, nom poss'eu estar” (V 1011), tenção de João Peres de Aboim e João Soares Coelho; “Lourenço nom mi quer creer” (V 1202), de Pedro Amigo de Sevilha. A cantiga “Pero Lourenço, comprastes” (B 1441, V 1051, C 1441), de Pero Gomes Barroso, também pode ter sido composta a respeito do jogral.

Falcão, Fernanda Scopel

O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*

www.revistarodadafortuna.com

1032 [a tenção ‘– Rodrig’Eanes, queria saber’]). Possuía facilidade de palavra, engenho e ousadia, por isso fazia tenções por preferência e não sem sorte. Isso era suficiente para excitar a inveja e o ódio dos nobres companheiros de arte. A vaidade sem medida com que se vangloriava desses méritos, louvava a si mesmo e se situava no mesmo nível que os *trovadores* nobres, os desafiava e se burlava deles, dedicava cantigas a damas nobres, e seguramente também colhia favores e prendas, fez o resto” (Vasconcelos, 2004: 88-89).

O mestre da filologia espanhola, Ramón Menéndez Pidal, também consagrou algumas páginas de seu ilustre *Poesía juglaresca y orígenes de las literaturas románicas* (1942) a Lourenço. O filólogo enfatiza que envaidecia “a Lourenço, sobre todo, su habilidad en la tensón. [...] Y el éxito era realmente grande” (Menéndez Pidal, 1957: 177).

Giuseppe Tavani, em seu manual de introdução à poesia galego-portuguesa, *Trovadores e jograis* (2002), ao tratar do *ethos* trovadoresco como um dos campos sêmicos característicos das cantigas satíricas, destacou as famosas acusações a Lourenço (Tavani, 2002: 255). No verbete que assina sobre Lourenço no *Diccionario da literatura medieval galega e portuguesa* (Lanciani; Tavani, 2000), o italiano afirma:

“Personalidade invulgar, dotada de talento, de bons recursos técnicos e duma notável capacidade de argumentação, Lourenço é uma figura de relevo da jograria medieval e um dos poucos jograis bem representados na tradição manuscrita galego-portuguesa” (Tavani, 2000: 426).

Contudo, foi em *Lourenço: poesie e tenzoni* (1964) que o estudioso mais se debruçou sobre a atuação do jogral. Reunindo e revisando trabalhos seus já lançados⁷, Tavani organizou a edição com as dezoito cantigas atribuídas a Lourenço, empreendendo o estabelecimento do texto, com uma análise formal e filológica recheada de notas explicativas, fazendo acompanhar, para cada cantiga, uma interpretação do conteúdo e uma tradução em prosa para o italiano. Ainda escreveu um relevante, embora breve, estudo que figura como introdução aos textos examinados. Rodrigues Lapa, em resenha, apesar de discordar de diversas escolhas feitas por Tavani no estabelecimento dos textos de Lourenço (cf. Lapa, 1965: 486-488), considera que “o livro é conduzido com boa crítica e técnica sagaz quer na

⁷ As cantigas de Lourenço foram primeiramente publicadas por Tavani na revista *Cultura Neolatina*, em 1959 (n. XIX, pp. 5-33) e 1962 (n. XXII, pp. 62-113) (cf. Lapa, 1965: 486).

Falcão, Fernanda Scopel

O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*

www.revistarodadafortuna.com

parte literária quer no campo linguístico” (Lapa, 1965: 486). Não obstante, nessa edição, Tavani vai de encontro aos demais estudiosos – paradoxalmente à bibliografia por ele levantada e ao que escreveria anos depois no verbete do *Dicionário* (2000), como vimos – ao afirmar que, a seu ver, Lourenço era um polemista cruel e “non molto abile e non sempre capace di sostenere fino in fondo e di rintuzzare adeguadamente l’attacco dei suoi avversari” (Tavani, 1964: 18).

No Brasil, até o momento, ao que tudo indica, o único estudo acadêmico defendido sobre o jogral é a tese de doutorado de Affonso Robl, intitulada *As impertinências do jogral Lourenço* (1981)⁸. Nesse trabalho, o autor empreende a análise filológica de quatorze cantigas satíricas e tenções (compostas pelo jogral e por outros trovadores), considerando que as composições de Lourenço “atestam que não lhe faltava certa dose de talento poético” (Robl, 1981: 45) e que o mesmo era mestre em fazer tenções (Robl, 1981: 53); e conclui, após a análise filológica empreendida, que “Lourenço e seus contendores possuíam força igual [em suas confrontações], sabendo manejar com relativa maestria elementos, populares e convencionais, da linguagem satírica” (Robl, 1981: 251). Além disso, Robl completa que,

“apesar dos protestos teóricos dos trovadores, Lourenço, ex-tocador de cítola, consegue atingir, por seu talento e por sua pertinácia e impertinência, posição de relevo na vida artística da época. A quantidade de canções, treze ao todo, que especificamente tratam dos *mesteres* jogralescos de Lourenço e de suas pretensões a trovador, comprova a popularidade que ele devia gozar nas cortes e solares da Península Ibérica do séc. XIII” (Robl, 1981: 253).

Como se pode perceber, a figura de Lourenço suscita controvérsias até mesmo entre os estudiosos, o que provoca alguns questionamentos: se o jogral foi apenas um polemista cruel e sem habilidade no trovar, como disse Tavani, por que seus não poucos textos (líricos e satíricos) foram coligidos nos manuscritos dos Cancioneiros? Por que o jogral é o que participa do maior número de tenções que nos chegaram se ele não era capaz de sustentar o ataque a seus adversários? As tão satirizadas impertinência e incompetência de Lourenço não fariam parte da retórica própria da sátira trovadoresca?

⁸ Robl também elaborou com base em textos do/sobre o jogral os artigos “O galego-português”, “Lourenço: jogral impertinente” e “A versificação nas cantigas polêmico-satíricas do jogral Lourenço” que foram publicados, respectivamente, nos volumes 31 (1982), 32 (1983) e 37 (1988) da *Revista Letras* da Universidade Federal do Paraná. Em pesquisas à internet e a bases de dados de bibliotecas no país, foram localizados somente esses trabalhos brasileiros sobre Lourenço.

O jogo retórico e lúdico da sátira galego-portuguesa

Muitos estudiosos já nos alertaram sobre não podermos olvidar o caráter retórico e lúdico da produção satírica galego-portuguesa. Por exemplo, Menéndez Pidal lembra que as injúrias não poderiam ser tomadas sempre como verdadeiras, uma vez que nas cantigas há “muchacha expresión metafórica, puros juegos satíricos, rudas burlas, que en nada menoscaban la estimación personal del satirizante respecto del satirizado, y que no puede entenderse al pie de la letra” (Menéndez Pidal, 1957: 11). Carolina Michaëlis de Vasconcelos, por seu turno, nas *Glosas marginais ao cancionero medieval portugués*, destaca que não devem ser considerados realidade (mas sim zombaria) os dados contidos “em algumas tenções de maldizer, nas quais se faz pouco de jograis como Pero da Ponte e Lourenço” (Vasconcelos, 2004: 113). Graça Videira Lopes afirma em *A sátira nos cancioneros medievais galego-portugueses* que: “Muitas das cantigas em que trovadores e jograis atacam seus colegas devem, aliás, ser entendidas como uma espécie de jogos poéticos onde a intenção lúdica é prioritária” (Lopes, 1994: 297). E de acordo com Marta Madero, em *Manos violentas, palabras vedadas: la injuria en Castilla y León (siglos XIII-XV)*, as sátiras galego-portuguesas “no funcionaron, en principio, como injurias” e estavam circunscritas na esfera da *injúria lúdica*, o que, porém, segundo Madero, “no significa que no tuviesen capacidad de herir o de provocar situaciones dramáticas” (Madero, 1992: 24).

No estudo “Em nome do riso: os trovadores galego-portugueses e a sátira em jogo”, Paulo Roberto Sodré observa que a burla, nas cantigas satíricas galego-portuguesas, não foi produzida “de modo simples ou aleatório, como talvez tenham pensado alguns pesquisadores como Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Ramón Menéndez Pidal, Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani, Elvira Fidalgo ou Xosé Bieito Arias Freixedo” (Sodré, 2013: 06), mas constituiria um tipo especial de equívoco, um “jogo de avessos” orientado pelo conceito de *jugar de palabras* exposto por Afonso X na Lei XXX da Partida Segunda de *Las siete partidas*. Assim escreveu o rei Sábio:

“E en el juego deven catar que aquello que dixieren sea apuestamente dicho, e non sobre aquella cosa que fuere en aquel lugar a quien jugaren, mas a juegos dello, commo sy fuere cobarde dezirle que es esforçado, jugarle de cobardia; e esto debe ser dicho de manera que aquel a quien jugaren non se tenga por denostado, mas quel ayan de plazer, e ayan de rreyr dello tan bien el commo los otros que lo oyeren. E otrosy el que lo

Falcão, Fernanda Scopel
 O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*
www.revistarodadafortuna.com

dixiere que lo sepa bien rreyr en el lugar do conveniere, ca de otra guysa non serie juego onde omne non rrye; ca sin falla el juego con alegria se deve fazer, e non con sanna nin con tristeza. Onde quien se sabe guardar de palabras sobejanas e desapuestas, e usa destas que dicho avemos en esta ley, es llamado palaciano, porque estas estas palabras usaron los omnes entendidos en los palacios de los Reyes más que en otros lugares [...]” (Alfonso X, 1991: 101-102).

Segundo essa lei – considerada por Montoya Martínez em “La norma retórica en la obra de Alfonso X” como uma preceptiva literária (Montoya Martínez, 1995: 164) –, o *jugar* consistia em apresentar fatos e exemplos às avessas, sem desonra ou fúria, de modo que os homens os aproveitassem, rindo-se e alegrando-se, o que o circunscreveria, pois, no âmbito da injúria lúdica, uma vez que a noção de jogo, de acordo com Madero, permitia

“consignar ciertos actos al dominio de una violencia que no deshonraba, siempre y cuando la víctima estuviese de acuerdo con esta forma de ver las cosas. El juego, en tanto relación compartida y unánimemente aceptada por los participantes, borraba el efecto injurioso” (Madero, 1992: 38).

Por conseguinte, aquele que quebrasse o acordo e não considerasse essas conveniências “recairia provavelmente em injúria e em desonra, proibidas por lei, e, mais ainda, em conduta não palaciana, descortês, o que era grave no convívio com o rei, passível de pena” (Sodré, 2010b: 16), pois a mesma Partida alerta:

[...] los que tales palabras usaren e sopieren en ellas avenir, develos el Rey amar e preçiar, e fazer mucha de onrra e de bien; e los que se atrevieren a fazer esto non seyendo sabidores dello, syn lo que se mostrarien por atrevidos e por nesçios, deven aun ver por pena ser alongados de la corte e del palacio” (Alfonso X, 1991: 102).

De tal modo, conclui-se que:

“Dizer mal de alguém por meio do *jugar de palabras* ou jogo de avessos consistiria [...] em uma estratégia de produção satírica poética pela qual o trovador é presumivelmente orientado a elaborar *um tipo especial de burla e de equívoco*, tratando do inverso das qualidades dos cortesãos durante o

Falcão, Fernanda Scopel
 O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*
www.revistarodadafortuna.com

fablar em gasaiado ou entretenimento da corte, garantindo-lhes o humor e a diversão, evitando-se o constrangimento e a ira” (Sodré, 2013: 6-7).

Ao tratar do jogo de palavras, a lei afonsina parece “conversar” com a *Arte de Trovar* quando esta trata do uso da *aequivocatio*, ao definir a cantiga de escárnio⁹ (cf. Gutiérrez Garcia, 2012: 124), o que talvez nos permita estabelecer um paralelo entre esses dois termos e considerar o *jugar* uma variedade, exemplo ou especialidade, do equívoco retórico que a *Arte* identifica como constituinte do escárnio galego-português. Mas Sodré alerta que o *modus operandi* do jogo afonsino parece ir mais além:

“Podemos supor que o jogo equívoco prescrito na lei e utilizado pelos trovadores estaria não apenas no plano retórico da *palavra ambígua*, mas também no plano da deformação pelo contrário de uma dada circunstância, de um rasgo moral ou de uma qualidade de um cortesão. Em outras palavras, o equívoco se manifestaria tanto no plano do *texto* (jogo de palavras *stricto sensu*) como no plano do *contexto* (situação posta pelo avesso). [...]. [Por um lado,] na poética fragmentária galego-portuguesa, afirma-se que a cantiga de escárnio satiriza alguém por meio de equívocos verbais, ao passo que a de maldizer, por meio de palavras claras. Por outro lado, a Lei XXX do Título IX da “Partida Segunda” regula uma atividade cortesã que coincide com a natureza do gênero satírico, considerando o que nele deve prevalecer de equívocos de situação que propiciem o humor e o divertimento; isso complementaria o alcance da definição da *Arte de trovar*. Portanto, creio que não é apenas o recurso retórico da *equivocatio*, em sentido estrito, que deve estar em pauta quando investigamos a produção satírica peninsular medieval; além dos famosos equívocos *verbais* da ‘maeta descadeada’ (em ‘Maria Pérez, a nossa cruzada’, de Pero da Ponte) ou da ‘midida de Espanha’ (em ‘Joan Rodríguez foi osmar a Balteira’, de Afonso X), devemos sondar os equívocos *contextuais* ou *jogos de avesso* como o do mal jogral Picandon e Lourenço, entre outros” (Sodré, 2010a: 1007).

Como se vê, a Lei XXX assumiu, então, para os estudiosos do assunto, um caráter mais de preceptiva literária que de texto jurídico, e o *jugar* afonsino pode ser considerado uma chave de leitura para o estudo das cantigas satíricas: “o *jugar de palabras* não apenas apresentaria uma *broma* com fins jocosos ou uma *injúria* com fins lúdicos, mas fá-los-ia de uma maneira muito específica: a ‘acusação’ implicaria

⁹ “Cantigas d'escarneo som aquelas que os trovadores fazem querendo dizer mal d'algúem em elas, e dizem-lho per palavras cobertas que hajam dous entendimentos, pera lhe-lo nom entenderem [...] ligeiramente; e estas palavras chamam os clérigos hequivocatio” (Arte, 2011-).

necessariamente o *oposto* do que se afirma sobre o visado” (Sodré, 2013: 07). Tal chave é mais um argumento a favor de Lourenço, levando a crer que as reprimendas que outros trovadores lhe fizeram nas cantigas estariam sob o pacto do *jugar* exposto pelo rei Sábio na sua Partida Segunda. E, se assim não ocorresse, seriam toleradas não fossem lúdicas ou, ao menos, não estivessem a serviço dessa empresa jocosa? Teria Lourenço o apreço do rei e, por conseguinte, seu lugar no palácio se ele igualmente não se submetesse às normas éticas e estéticas do jogo trovadoresco? Não seria a crítica aos jograis um tópico temático a partir do qual os trovadores e jograis elaboravam suas cantigas para entreter a corte?

O “tripé” jogral-tenção-retórica

Especialmente no que se refere ao jogo das tenções, o caráter retórico que permeia os ataques entre/contra trovadores e jograis é comprovado por vários indicadores, como os levantados por Joaquim Ventura em “Sátira e aldraxe entre trovadores e jograis”: a) havia estabilidade nas relações entre trovadores e jograis; b) os jograis não seriam meros coadjuvantes nas tenções, uma vez que, entre outras evidências, muitas delas são iniciadas por eles; c) os jograis Lourenço, Juião Bolseiro, Joan Baveca e Pero de Ambroa dispõem de iniciativa poética semelhante à dos melhores jograis provençais; d) as tenções se constituiriam num recurso pelo qual os trovadores testariam a habilidade dos jograis, sendo a constatação de imperícia, muitas vezes, um jogo retórico; e) marcas dessa convenção retórica estariam, por exemplo, no uso dos pronomes *vos* e *ti* (este, dos trovadores com relação aos jograis; aquele, dos jograis aos trovadores) e na tópica das críticas à *performance* (cantar e tocar mal) e ao comportamento não cortês dos jograis (Ventura, 1993: 536-540).

Ventura conclui que os ataques entre/contra trovadores e jograis, com exceção daqueles com motivação política, não podem ser tomados “como proba de sinceridade (imposible en xeral na lírica da Idade Media) senón mais ben como un xogo – cruel ás veces, isso si – entre colegas ou entre señor e asalariado, frecuentadores dos mesmos *circuitos de actuación*” (Ventura, 1993: 535).

Para Angela Rodrigues, a existência de tenções que debatem questões profissionais e relacionadas à arte trovadoresca constitui “mais um índice de que trovadores e jograis formavam um grupo coeso” (Rodrigues, 1979: 66). E, para Menéndez Pidal, o fato de terem existido tenções entre jograis e trovadores constitui prova concreta de que estes reconhecem naqueles “calidad de poeta”, embora sempre os tratem “altanera o desdeñosamente” (Menéndez Pidal, 1957: 13).

Falcão, Fernanda Scopel
 O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*
www.revistarodadafortuna.com

Logo, as censuras a Lourenço pelos outros trovadores e jograis podem ser consideradas um jogo lúdico, retórico-jocoso e mediado pelas normas éticas e estéticas do Trovadorismo medieval peninsular, em que a crítica literária aos jograis conforma um dos *topoi* característicos da sátira galego-portuguesa e, desse modo, é muito coerente pensar na suposta inabilidade de Lourenço e suas impertinências como uma estratégia retórica muito apropriada ao jogo satírico das tenções galego-portuguesas. Além disso, e assim sendo, não resulta improvável afirmar que as composições do jogral têm, de fato, qualidades artísticas consideráveis que fazem de Lourenço um dos grandes nomes do trovadorismo peninsular, mormente no que se refere à sua atuação como compositor, tendo em vista a sua destacada representatividade no gênero das tenções satíricas, como vimos.

Todavia, a despeito dessa representatividade, muitas particularidades das composições de Lourenço e as formas como o jogral constrói sua defesa ainda estão por ser investigadas. Sendo a tenção um gênero de disputa literária, que pretende convencer e divertir, a persuasão e o riso seguramente constituem dois de seus “carros-chefes”: a utilização de recursos poético-retóricos com essa finalidade deveria ser, então, de grande valia para os trovadores e jograis, sobretudo para estes últimos quando pretendiam ser igualmente reconhecidos como trovadores tão competentes quanto os seus senhores nobres.

Malgrado a importância do assunto, o uso de tais artifícios especificamente nas tenções satíricas parece estar ainda por ser examinado. E especialmente no caso de Lourenço, que, nas tenções, era criticado por sua impertinência e inabilidade no trovar e, por meio delas, intentava convencer os seus contendores e o público ouvinte de suas habilidades poéticas. Aliás, há algumas décadas, o mestre Lapa nos advertia de que já era tempo de “considerar os nossos trovadores como artistas”, e não tomar as cantigas apenas como fonte documental (Lapa, 1973: 131) – o que também deve ser estendido aos textos dos jograis.

Por conta disso, creio ser de relevância para os estudos literários uma pesquisa que aprecie as prováveis relações envolvidas no tripé jogral-tenção-retórica. E tendo todos esses pressupostos em mente, o *corpus* principal a ser analisado é composto pelas oito tenções em que o jogral participa¹⁰, a cantiga satírica composta por

¹⁰ “– Lourenço, soías tu guarecer” (V 1010), com João D’Avoim; “– Quem ama Deus, Lourenç’, am’a verdade” (V 1022), com João Soares Coelho; “– Lourenço jograr, hás mui gram sabor” (B 1493/V 1104/C 1493) e “– Muito te vejo, Lourenço, queixar” (B 1494/V 1105/C 1494), com João Garcia de Guilhade; “– Vós que soedes em corte morar” (B 888, V 472=1036), com Martim Moxa; “– Rodrig’Eanes, queria saber” (V 1032/C 1423), com Rodrig’Eanes; “– Quero que julguedes, Pero Garcia” (V 1034/C 1426), com Pero Garcia; “– Joam Vaásquez, moiro por saber” (V 1035), com João Vásquez.

Falcão, Fernanda Scopel
 O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*
www.revistarodadafortuna.com

Lourenço¹¹, e cantigas nas quais outros trovadores fazem referência a Lourenço¹² também serão lidas no curso da tese, contribuindo para a contextualização, caracterização e exemplificação dos temas abordados.

Dos resultados preliminares I: a jograria medieval

Nesse desenho, é igualmente importante estudar a *jograria*, desde a Antiguidade até a Idade Média, com ênfase para a figura do jogral galego-português, sobretudo o das cortes afonsinas às quais se circunscreve a produção trovadoresca de Lourenço. Esse assunto deverá compor o primeiro capítulo da tese e a leitura crítica dos textos já está em andamento, revelando subsídios fundamentais para a pesquisa – um dos quais passo a comentar brevemente.

De acordo com Menéndez Pidal, o nome *juglar* foi documentado na Espanha inicialmente em 1047 e 1062 (1957: 06-07), mas as primeiras fontes documentadas de termos específicos da jograria provêm da Galícia, no século VI, com a referência a uma voz *jocularis* (*verba jocularoria*), e da Europa central, no século VII, com a referência a *jocularis, jocator*. Embora houvesse variações e diferentes denominações, o nome jogral foi o que se vulgarizou nas línguas modernas, funcionando como equivalente mais ou menos exato dos outros ou mesmo substituindo-os; dessa maneira, a noção de jogral se referia a todos os que tinham por profissão divertir o público (Menéndez Pidal, 1957: 02-03).

Muitos pesquisadores acreditam os jograis são herdeiros dos *aedos* e seus equivalentes romanos, sendo a atividade *juglaresca* medieval uma continuidade, ainda que transformada, daquela dos primitivos mimos e histriões, procedentes do teatro romano “que luego extendieron su acción por las plazas, las calles y las casas para divertir a un público más reducido, o se establecieron en los palacios de los reyes como hombres de placer” (Menéndez Pidal, 1957: 05). Entretanto, Pidal crê ser mais verossímil a opinião, sustentada por outros tantos estudiosos, de que tal

¹¹ “Pedr'Amigo duas sobérvias faz” (V 1033).

¹² “Par Deus, Lourenço, mui desaguisadas” (B 1501), “Ora quer Lourenço guarir” (B 1497, V 1107) e “Lourenço, pois te quitas de rascar” (B 1495, V 1106), as três de João Garcia de Guilhade; “–Joam Soárez, nom poss'eu estar” (V 1011), tenção de João Peres de Aboim e João Soares Coelho; “Lourenço nom mi quer creer” (V 1202), de Pedro Amigo de Sevilha. A cantiga “Pero Lourenço, comprastes” (B 1441, V 1051, C 1441), de Pero Gomes Barroso, também pode ter sido composta a respeito do jogral.

Falcão, Fernanda Scopel

O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*

www.revistarodadafortuna.com

atividade deriva-se, em parte, da antiguidade clássica e, noutra parte, dos hábitos próprios dos *scopas*, cantores bárbaros da Germânia, havendo, ainda, a influência dos poetas árabes (sarracenos e mouros), que tinham também características semelhantes ao jogral:

“Los juglares, como los scopas y como los cantores musulmanes, eran muchas veces autores de las composiciones que cantaban; y habiendo sido ellos de los que primero poetizaron en lengua vulgar, [...] la palabra juglar hubo de tomar como una de sus acepciones la de “poeta en lengua romance”, sentido que es usual entre los escritores castellanos de la primera mitad del siglo XIII” (Menéndez Pidal, 1957: 08).

O jogral foi, assim, poeta em língua romance antes que o trovador, cujo nome se documentou na Península somente em 1197, um século e meio depois que o do jogral (Menéndez Pidal, 1957: 09). Historicamente, então, o trovador nasce por imitação do jogral, mas se considerava superior social e intelectualmente, por ser nobre e ter mais instrução, e passou a requerer o *status* de poeta culto e não executante (Menéndez Pidal, 1957: 10), legando para o jogral a tarefa “secundária” de músico executor e divulgador das cantigas dos nobres. É a partir dessa dualidade profissional que se estabelece uma das convenções mais elementares relacionadas ao trovadorismo galego-português, mas na prática tal estratificação não foi seguida à risca pelos jograis, que foram não raras vezes compositores de cantigas, como atestam os cancioneiros que nos chegaram.

A controvérsia era tamanha que o rei Afonso X teria composto uma *Declaratio*, em resposta a uma *Supplicatio* de Guiraut de Riquier, na qual foram demarcadas as atividades e principais características de cada classe, diferenciando não somente trovadores e jograis, mas também estes dos simples bufões do povo que não tinham qualidades morais ou artísticas. O monarca esclareceu, ainda, que as honras e o nome de trovador poderiam ser atribuídos a todo aquele que possuísse a mesma maestria dos “doutores em trovar” e fosse perito nessa arte. Há dúvidas, porém, quanto à autoria do documento; o mais provável é que a *Declaratio* tenha sido redigida pelo próprio Riquier e que Alfonso X pode ter sido apenas um “mentor intelectual” do assunto glosado (Mongelli; Vieira, 2003: 128-132).

A atuação dos jograis-poetas em solo poético galego-português parece ter sido mesmo muito comum, frequente, pois não por acaso teria existido somente na Península Ibérica um título próprio para eles: o de segrel. A tripartição trovador/segrel/jogral, que não ocorreu entre os provençais, veio gerando ao longo

Falcão, Fernanda Scopel
 O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*
www.revistarodadafortuna.com

dos tempos uma série de discussões entre os pesquisadores do assunto, sobretudo acerca do autêntico sentido do termo segrel.

Durante algumas décadas, a interpretação que prevaleceu foi a de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (cf. Vasconcelos, 2004: 63) e Rodrigues Lapa (cf. Lapa 1973: 108), para quem o segrel seria um cavaleiro, pequeno nobre, que, pela falta de recursos, fez da arte trovadoresca sua profissão. Atualmente, porém, segue-se António Resende de Oliveira e tende-se a considerar que o termo segrel, na Península Ibérica, no segundo e terceiro quartéis do século XIII, designou “o jogral que, além de executante e cantor, sabia compor cantigas” (Oliveira, 2000: 609). O segrel era, pois, um jogral-trovador: “em suma, um jogral com capacidade e uma reconhecida legitimidade para compor” (Diogo, 1998: xxiv).

Entretanto, apesar da existência de uma nomenclatura dotada de exclusividade, a atuação dos jograis/segréis/jograis-trovadores na arte cortesã foi veementemente criticada pelos trovadores em suas cantigas satíricas, e os episódios mais célebres desses protestos estão nos textos que tratam das “impertinências” de Lourenço. É, assim, nesse contexto de disputa literária que se insere o cancionário satírico do nosso jogral.

Dos resultados preliminares II: recursos poético-retóricos

Com as primeiras leituras, pude já identificar que alguns procedimentos configuram-se como recurso de persuasão e provocador de riso na sátira galego-portuguesa. Angela Rodrigues, por exemplo, ao observar procedimentos de repetição em algumas cantigas de escárnio e maldizer, verificou que os mesmos atuam como estruturadores ou organizadores da matéria poética, criando “laços entre cantores/poetas e [...] a mensagem” das cantigas e colaborando para a “sensibilização do ouvinte” (Rodrigues, 1979: 180).

São, de fato, muitos os recursos poético-retóricos de repetição de que os trovadores e jograis se serviram. Há o paralelismo vocabular, na recorrência de itens lexicais (*dobre, mordobre*, rima equívoca, palavra-rima, *leixa-pren*), que assume o trabalho da coesão sequencial frástica, contribuindo para a coerência discursiva e assegurando o estabelecimento da continuidade tópica nas cantigas (Rodrigues, 1979: 191). E há o paralelismo conceitual, nos casos de repetição da mesma ideia, que Asensio classifica como “jogo de paridades conceituais e de ecos dissimulados”, uma vez que a “repetição pura e simples não satisfaz à estética cada vez mais refinada do trovadorismo” (Asensio, 1970: 78, apud Rodrigues, 1979: 185).

Falcão, Fernanda Scopel

O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*

www.revistarodadafortuna.com

As cantigas de *ata-finda*, o uso de conectores (*e, que, pero, ca* – quando fazem a articulação sintática de um verso a outro ou de uma estrofe a outra) e o uso do *enjambement* também são significativos, pois colaboram no processo de acumulação de ideias, constituindo-se em artifícios característicos da poesia culta cortesã, “poesia elaborada por e para uma minoria refinada, pois mostra querer fugir do golpe monótono, ‘tamborilado’ da canção vulgar” (Rodrigues, 1979: 189).

Há, ainda, um destaque para o uso da paráfrase – na repetição de conjuntos equivalentes por “desdobramento de expressões sinônimas” ou pela “expressão negativa do pensamento oposto” (Rodrigues, 1979: 188-189) – por meio da qual “se estabelece entre um enunciado de origem e um enunciado reformulador uma relação de equivalência semântica, responsável por deslocamentos de sentidos que impulsionam a progressividade textual” (Hilgert, 1993: 115, *apud* Rodrigues, 1979: 188).

Para Marcuschi, esses recursos são multifuncionais quando operam em dois níveis interligados, funcionando textual e discursivamente (Marcuschi, 1992: 114, *apud* Rodrigues, 1979: 191). Os mecanismos de repetição podem, então, assumir o trabalho da coesão sequencial frástica (é o caso da manutenção temática pela recorrência de itens lexicais, caso do *dobre* e do *mordobre*), contribuindo para a coerência discursiva e assegurando o estabelecimento da continuidade tópica nas cantigas. Podem, ainda, atuar enquanto mecanismo retórico ou argumentativo para a persuasão dos ouvintes, buscando a sua adesão por meio de repetições semanticamente baseadas, que “constituem estratégia privilegiada para o alcance de tal objetivo” (Rodrigues, 1979: 192). Ademais, a repetição de ideias pode gerar o ridículo – numa comicidade com efeitos retóricos de sarcasmo, ofensa, humilhação etc. (Rodrigues, 1979: 192) – e provocar um riso que conquista a atenção dos ouvintes, mantém sua adesão e, conseqüentemente, colabora para o seu convencimento.

À guisa de conclusão: próximos passos da pesquisa

Para o desenvolvimento da tese, pretende-se, após o arremate da pesquisa sobre a *jograría* (que observará o declínio e a transformação das atividades jogralescas; o jogral galego-português e os jograis das cortes afonsinas; a tripartição trovador/segrel/jogral; o jogral-trovador, as tensões sociais envolvidas e as discussões literárias decorrentes dessa atividade), sobre Lourenço e as polêmicas literárias em que esteve envolvido, exploradas sobretudo em suas tenções com os

Falcão, Fernanda Scopel

O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*

www.revistarodadafortuna.com

trovadores, dirigir o foco para tais textos. Para tanto, será estudado o gênero tenção, suas origens, suas características formais e sua “função” nas disputas literárias entre trovadores e jograis. Depois, por meio de pesquisas em tratados de retórica e poética utilizados no medievo e nas artes poéticas medievais, haverá a construção de um aparato teórico para identificar quais recursos poético-retóricos eram recomendados para os gêneros persuasivos, para a sátira e para o riso. Serão estudados alguns tratados que levaram as noções retóricas aristotélicas ao medievo, como o *De inventione* de Cícero, e das “artes poéticas” medievais, como os trinta e cinco textos coligidos por Márcia Mongelli e Yara Frateschi Vieira (*A estética medieval*, 2003).

A pesquisa, assim, passará à investigação da retórica de Lourenço – sendo retórica tomada, aqui, tal como em Aristóteles: “Entendamos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (Aristóteles, 2005: 95); o que pode ser capaz de conquistar a atenção dos ouvintes, manter sua adesão e gerar a persuasão. Haverá, então, a análise das tenções de Lourenço, considerando as especificidades do gênero, dos recursos utilizados e dos efeitos retóricos pretendidos. O objetivo é o de verificar como o jogral elabora sua defesa e o ataque nos debates, quais recursos emprega e se os mesmos correspondem àqueles recomendados aos gêneros persuasivos, à sátira e ao riso pelos tratados de retórica e poética medievais ou conhecidos no medievo.

Com esse percurso, talvez seja possível questionar a afirmação de Tavani – para quem Lourenço seria um polemista cruel, com pouca habilidade no trovar e nem sempre capaz de sustentar de sustentar adequadamente e acompanhar por completo o ataque de seus adversários nas tenções (Tavani, 1964: 18) –, ao demonstrar a competência de Lourenço no trovar satírico das tenções e confirmar que a polêmica em torno desse jogral tem finalidade lúdico-jocosa, sendo pertinente ao jogo retórico da sátira galego-portuguesa.

Por outro lado, esta proposta acaba por seguir um dos caminhos indicados por Tavani, quando da publicação de *Lourenço: poesie e tençoni*, que é o de estudar os textos de cada poeta em separado. De acordo com Vicenç Beltrán, “o estúdio detallado das grandes personalidades [do Trovadorismo peninsular] está practicamente por començar” (Beltrán, 1995: 243) e, para Tavani, a recolha e o estudo dos textos de cada poeta em separado são instrumentos importantes ao pesquisador da lírica galego-portuguesa porque permite descobrir marcas que possam ser consideradas características “originais” e que revelem uma diversidade conceitual e estilística na produção de cada trovador e jogral (Tavani, 1964: 06) – desde que não esquecidos o caráter de unidade e “escola” do fato poético trovadoresco.

Falcão, Fernanda Scopel
 O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*
www.revistarodadafortuna.com

Finalmente, pretende-se, de tal maneira, a despeito da marcada homogeneidade estilística dos trovadores galego-portugueses, observar se pode ser identificado um *modus faciendi* de Lourenço nas tenções satíricas e se haveria uma adequação entre os recursos poético-retóricos aproveitados, o gênero escolhido e os objetivos discursivos do jogral (de convencer sobre sua habilidade no trovar e divertir a audiência cortesã). A depender dos resultados obtidos, espera-se ser possível, ainda, amplificar o alcance da tese defendida ao se conjecturar a pertinente relação entre a função persuasiva do gênero tenção, as especificidades da sátira e do riso galego-portugueses e a *persona* literária do “jogral-poeta” no Trovadorismo medieval ibérico.

Referências

Fontes

Alfonso X (1991). *Partida segunda de Alfonso X el Sabio*. Manuscrito 12794 de la BN. Edición de Aurora Juarez Blanquer y Antonio Rubio Flores. Granada: Ácaro.

Aristóteles (2005). *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Arte de trovar do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* (2011-). In: Lopes, G. V. et al. (2011-). *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/Nova. Disponível em: <http://cantigas.fcsb.unl.pt/artedetrovar.asp>. Acesso em: 31/03/2013.

Tavani, G. (1964). *Lourenço: poesie e tenzoni*. Edizione, introduzione e note di Giuseppe Tavani. Modena: Società Tipografica Editrice Modenese.

Bibliografia

Beltrán, V. (1995). *A cantiga de amor*. Vigo: Xerais.

Diogo, A. A. L. (1998). Introdução. In: Diogo, A. A. L. (org.). *Lírica galego-portuguesa*. antologia (pp. xi-lii). Braga: Angelus Novus.

Gutiérrez Garcia, S. (2012). La función de los paratextos en la caracterización de los géneros satíricos gallegoportugueses: La distinción escarnio-maldecir y las posibles definiciones retrospectivas. *La Corónica*, Winston-Salem, 40 (2), 121-143. Disponível

Falcão, Fernanda Scopel
 O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*
www.revistarodadafortuna.com

em: http://muse.jhu.edu/journals/la_coronica/toc/cor.40.2.html. Acesso em: 22/01/2014.

Lanciani, G.; Tavani, G. (coords.). (2000). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Lapa, M. R. (1965). Recensão a *Lourenço: poesie e tenzoni*, de Giuseppe Tavani. *Grial*, 10 (3), 486-488.

Lapa, M. R. (1973). *Lições de literatura portuguesa: época medieval*. Coimbra: Coimbra Editora.

Madero, M. (1992). *Manos violentas, palabras vedadas: la injuria en Castilla y León (siglos XIII-XV)*. Madrid: Taurus.

Maleval, M. do A. T. (2010). *Fernão Lopes e a retórica medieval*. Niterói: Editora da UFF.

Menéndez Pidal, R. (1957). *Poesía juglaresca y orígenes de las literaturas románicas*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos.

Montoya Martínez, J. (1995). La norma retórica en la obra de Alfonso X. In: Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval. *Actas...* (vol. 1, 147-170). Granada.

Oliveira, A. R. de (2000). Segrel. In: Lanciani, G.; Tavani, G. (coords.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa* (pp. 609-611). Lisboa: Caminho.

Oliveira, A. R. de (2001). *O trovador galego-português e o seu mundo*. Lisboa: Notícias.

Robl, A. (1981). *As impertinências do jogral Lourenço: análise filológica de quatorze cantigas polémico-satíricas medievais*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado.

Rodrigues, A. C. de S. (1979). *Uma teoria literária nas entrelinhas da sátira galego-portuguesa*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado.

Sodré, P. R. (2010a). João Soares Coelho, Picandon e um jogo de avessos: sobre “Vedes, Picandon, soo maravilhado”. In: Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa. *Anais...* (pp. 1000-1011). Salvador: Abraplip.

Falcão, Fernanda Scopel
O jogral e a tenção, os jograis e as tensões – para um estudo sobre Lourenço e seu *trobar*
www.revistarodadafortuna.com

Sodré, P. R. (2010b). *O riso no jogo e o jogo do riso na sátira galego-portuguesa*. Vitória: Edufes.

Sodré, P. R. (2013). Em nome do riso: os trovadores galego-portugueses e a sátira em jogo. In: Encontro Internacional de Estudos Medievais. *Anais...* Brasília: Abrem. [No prelo]

Tavani, G. (2002). *Trovadores e jograis: introdução à poesia medieval galego-portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Vasconcelos, C. M. de (2004). *Glosas marginais ao cancioneiro medieval português*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Ventura, J. (1993). Sátira e aldraxe entre trovadores e xograis. In: Brea, M. (coord.). (1993). *O cantar dos trovadores* (pp. 533-550). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.

Recebido: 02 de março de 2014

Aprovado: 26 de agosto de 2014